

GT12: Antropologia das Relações Humano-Animal

Andréa Osório, Flávio Silveira

O campo das relações humano-animal, ou Animal Studies, teria emergido na década de 1970 em meio a movimentos de proteção animal que, não obstante, remontam ao século XIX. Na verdade, os animais participam das análises antropológicas há muito tempo. Algumas análises identificaram dois paradigmas correntes: um que pode ser chamado de materialista, em busca do animal "real"; e outro semiótico, pós-estruturalista ou simbólico, em busca de representações. Mais recentemente, a emergência de reflexões sobre o perspectivismo ameríndio realçou a centralidade dos animais em aspectos da vida religiosa e cosmológica de populações ameríndias, com um forte impacto nas conhecidas relações entre natureza e cultura. O presente Grupo de Trabalho pretende ser um espaço para reflexões teóricas e pesquisas empíricas acerca das relações entre animais humanos e não humanos, a partir de um viés antropológico. Serão aceitos trabalhos tanto sobre as percepções simbólicas quanto sobre relações concretas materiais entre ambos. Entre eles, destacam-se produções voltadas aos animais de estimação, de abate, de tração, animais da fauna silvestre brasileira ou estrangeira, caça, criações, rinhas, concursos, turismo, animais de laboratório; em meio urbano, rural ou entre populações ameríndias e mesmo fora do continente americano; relações cotidianas, científicas, religiosas, alimentares, ideológicas, morais, artísticas, legislação, políticas públicas, saúde, entre outras possibilidades.

TEMPO "BODÍSTICO": a interação do tempo entre animais humanos e não humanos

Autoria: Mauricio Guedes de Melo Júnior

Ao chegar na cidade de Cabaceiras, anfitriã da maior festa brasileira em homenagem ao caprino, A Festas do Bode Rei, com o intuito de descrever a relação que a população tem com o bode, observei, na verdade, uma interação entre caprinos e humanos. O primeiro ponto de reflexão, se deu pela noção de tempo, que para o cabaceirense, é vista a partir da natureza do animal não humano. Se minha rotina é pautada pelo calendário gregoriano e pela "hora de relógio", no município em questão, o tempo é do bode/cabra. De laboro à festividade, o animal humano se guiará pela lógica do "tempo bodístico". Desse modo, o presente trabalho visa descrever a noção de tempo entre caprinos e humanos, no município de Cabaceiras-PB. E por discussão central, a noção de tempo e como ele é entendido pelo local. Descrevo como o tempo ecológico é utilizado para nortear as atividades da cidade. Esse tempo, que chamarei de bodístico, mostrou-se norteador para as atividades da Roliúde Nordestina. Na primeira parte do estudo, discutirei os termos "tempo ecológico" e "tempo moderno" tomando como inspiração a obra clássica, Os Nuers, do antropólogo inglês E. E. Evans-Pritchard, e no segundo momento, trago uma descrição etnográfica de como a população humana pauta sua rotina a partir do ciclo de vida do bode/cabra. Descrevo como a população utiliza a noção de tempo ecológico para programar suas escolhas em torno das celebrações, laboro e calendário. Tudo parte desse tempo, a festa do Bode Rei é programada para o período que o animal está com a pelagem mais bonita, o laboro inicia-se e termina com o cortejo do bode pelo pasto nativo do cariri, o artesanato se ajusta ao período de embelezamento da pelo, e o comércio alimentar segue o ritmo natural do animal para utilização da carne e do leite. Por fim, concluo propondo uma reflexão referente a terminologia relação e interação, a partir da vivência no cariri paraibano.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

